

PRIMEIRA ANÁLISE MOSTRA QUE BATE-ESTACAS CAIU POR ERRO DO OPERADOR OU POR NÃO ESTAR PRESA AO CHÃO

Peritos acreditam em falha humana

Lauro Aires

Da equipe do Correio

O Correio acompanhou na tarde de ontem o trabalho da equipe de peritos do Instituto de Criminalística (IC) da Polícia Civil no local do acidente em que o bate-estaca da empresa Geoservice caiu sobre um ônibus na Avenida Elmo Serejo, em Taguatinga Norte.

A hipótese mais forte é de que houve imperícia no manuseio do bate-estaca. Depois de passarem horas examinando a estrutura do equipamento, analisando os cabos de aço e toneladas de ferro retorcido, os peritos concluíram que a viga de ferro que estava sendo içada por um cabo de aço pendeu para um lado, desequilibrando, assim, o bate-estaca.

Não se sabe, no entanto, se o tombamento ocorreu apenas em função de uma eventual falha do operador, ou se a máquina caiu por não estar suficientemente presa ao chão. Somando-se a viga com o "martelo" (utensílio usado para socar a viga no chão), o peso no topo do bate-estaca chegava a dez toneladas. "O suficiente para desequilibrar o equipamento", comentou um perito.

O bate-estaca já havia fixado dez vigas de ferro na mesma sequência. Isso contribui para a hipótese de que a máquina não quebrou. Mas ela pode ter deslizado sobre os tubulões de ferro que a prendem no chão. A precariedade da fixação chamou atenção dos peritos.

Para compensar o desnível do terreno, os operários usavam cunhas de madeira para manter o bate-estaca

Raimundo Paccó



Viga de ferro que estava sendo içada pende para um lado e desequilibrou a máquina que estava há 10 dias no local

plano. Algo parecido com aquele papelinho dobrado que algumas pessoas põem nos pés das mesas para evitar que fiquem bambas.

Os peritos no entanto não quiseram se pronunciar oficialmente sobre o caso. Disseram que não há previsão para o laudo definitivo, mas sabe-se que, em média, ficam prontos em trinta dias.

SEGURO

Em entrevista coletiva concedida

no fim da tarde, o diretor da Geoservice Humberto Flecha disse que nunca viu um acidente desse tipo. "Ainda não sabemos o que pode ter ocorrido. Trabalhamos no metrô desde o início das obras, em 1991", afirmou. Segundo ele, a máquina tinha apenas 5 anos de idade. "Esses bate-estacas podem ser usados com segurança por 20 anos", garantiu.

Humberto disse também que o ritmo das obras corria normalmente, sem atraso. "A empresa deveria fixar

110 estacas, ou vigas, de ferro até o fim de fevereiro. Metade do serviço já tinha sido feita", explicou. Segundo Humberto, todas as precauções de segurança haviam sido tomadas. "Pusemos avisos, tapumes e cartazes. Não é usual interditar uma rodovia nesse tipo de obra".

A grande estrela da coletiva saiu antes de responder às perguntas dos jornalistas. O diretor do Metrô, Setembrino Menezes, fez um pequeno preâmbulo, apresentou Hum-



berto Flecha e o gerente-geral do Consórcio responsável pelo metrô (Brasmetrô), Manoel Faustino Marques, e se retirou.

O gerente-geral da Brasmetrô disse que o consórcio responderá por todas as implicações do acidente. "Temos um seguro que cobre tudo. Pagaremos qualquer indenização que a Justiça do Trabalho decidir", afirmou Marques.

GEOSERVICE

Em um grande galpão com uma pintura amarela desbotada pelo tempo do Setor de Indústria do Gama, QI 4, Lote 20 fica a empresa dona do bate-estaca. Apenas dois vigias, na companhia de quatro vira-latas, revezam-se para cuidar do local. Um matagal na parte da frente do terreno encobre a placa do engenheiro civil Humberto Flecha, um dos donos da

Geoservice, empresa responsável pela instalação e manutenção do bate-estaca.

O encarregado da fundação da obra, João Pena, tentava a todo custo entender o que havia acontecido. "Nos doze anos que trabalho nesse serviço nunca vi acidente como esse", espanta-se. "Os cabos de aço não quebraram e a engrenagem está em ordem. Esse mesmo bate-estaca já pegou mais de 30 perfis de ferro (vigas como a que caiu em cima do ônibus) em mais de dez dias seguidos", destaca.

"Houve um problema que fugiu ao controle do operador e a máquina se projetou sobre a rua", diz Humberto Flecha, um dos donos da Geoservice, sem, no entanto, ainda conseguir explicar qual o problema que causou o acidente.

■ Colaborou Marcio Vieira